

Por meio de ilustrações de humor e protesto: o jornal *O Rio Nu* contra Joaquim Ignácio Tosta e sua ação censória (1910)

Johnatas dos Santos Costa¹

 0009-0001-5760-461X

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11681

Resumo

Criado em 1898, o jornal *O Rio Nu* é considerado um dos primeiros periódicos eróticos do Brasil de grande circulação. Publicado até 1916, o seu sucesso é inegável. Em março de 1910, o diretor-geral dos Correios, Joaquim Ignácio Tosta, emitiu uma circular proibindo a venda e distribuição do jornal e da revista *Sans Dessous* sob o argumento de que eram materiais obscenos. A decisão causou indignação na redação do bissemanário. Por meio das ilustrações contidas nas páginas do *O Rio Nu*, este trabalho pretende analisar como esses elementos gráficos possuíam, em conjunto, um propósito muito claro: ridicularizar a pessoa e a figura pública de Joaquim Ignácio Tosta ao mesmo que protestava contra a sua decisão censória.

Palavras-chave: O Rio Nu. Ilustrações. Humor. Imprensa erótica.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Laboratório de História da Arte (LAHA/UFJF). A apresentação desse trabalho em Campinas se deu por meio do financiamento da CAPES. Contato: johnatassantoscosta@yahoo.com.br

No dia 1º de janeiro de 1910, o jornal *O Rio Nu* lançou a sua edição de número 1.197, a primeira daquele ano. Na capa, ele dava as boas-vindas à nova década com uma imagem (figura 1) nada sutil.

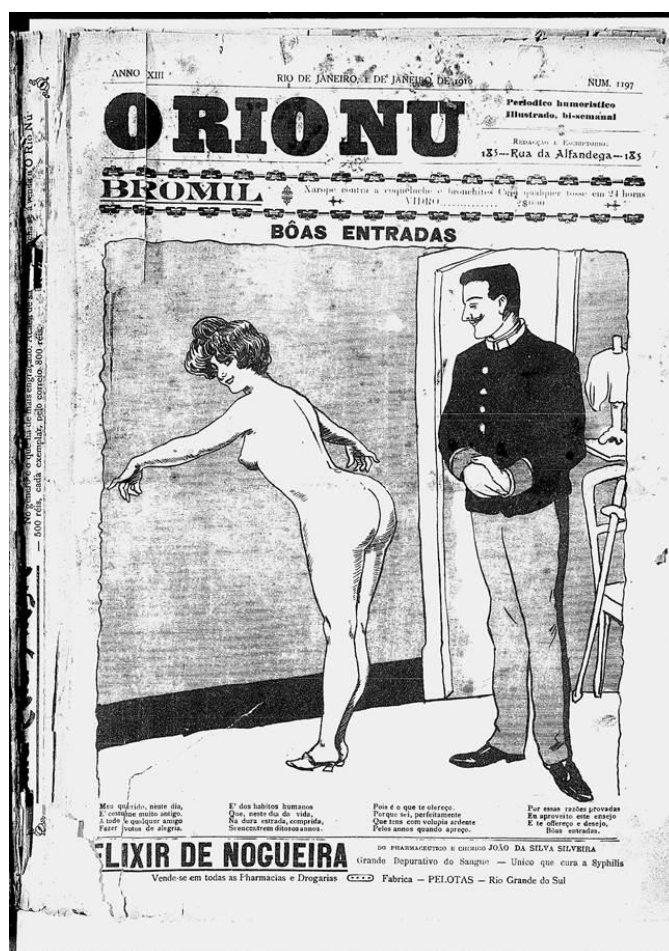


Figura 1:
Boas Entradas, 1910. Hemeroteca
Digital/Biblioteca Nacional.

Com o título de “Boas Entradas”, vemos uma mulher branca, nua, arqueada e de costas para um homem. A bunda empinada para esse senhor demonstra a sua disponibilidade. E se fizermos uma conexão com o título que os redatores deram a essa ilustração, fica clara a mensagem que o jornal queria passar para os seus leitores: *O Rio Nu* não desejava somente um bom ano, desejava acima de tudo um ano repleto de prazer.

A mulher desenhada nesta capa é igual a várias outras que apareceram no periódico: corpulentas, excitadas e sempre disponíveis. Para reforçar aquilo que os olhos já haviam compreendido, o texto que acompanha a imagem representa uma fala da mulher para o homem. No final do texto a mulher diz:

É o que te ofereço
Porque sei perfeitamente
Que tens com volúpia ardente
Pelos anos quando apreço

Por essas razões provadas
Eu aproveito este ensejo
E te ofereço e desejos
Boas entradas

A temática da imagem e do texto que apareceram na primeira capa de 1910 era algo comum no *Rio Nu*. Desde a sua fundação, textos maliciosos e de duplo sentido sempre fizeram parte do impresso. A partir de 1900, as ilustrações nas suas capas, muitas representando nus femininos ou cenas íntimas, reforçaram essa linha editorial e agregaram um visual às histórias narradas até então somente em palavras. Contudo, antes de falar mais sobre essas imagens, explico um pouco sobre o jornal.

O *Rio nu*: um brevíssimo histórico

O *Rio Nu* foi um jornal de humor erótico criado em 1898 por três amigos jornalistas: Heitor Quintanilha, Vaz Simão e Gil Moreno. Lançado no dia 13 de maio, dez anos depois da abolição da escravidão, ele circulou por mais de uma década pelo Brasil e no além-mar divertindo e excitando leitores.

Saindo duas vezes por semana, O *Rio Nu* tinha uma linguagem simples, as suas imagens chamavam a atenção, o preço era baixo e o seu humor, muitas vezes, realçava o racismo, machismo e a homofobia presente na sociedade. Colunas versando sobre os bastidores do teatro carioca, divulgando fofocas anônimas (e muitas vezes ficcionais) das zonas de prostituição do Rio de Janeiro, vendendo livros licenciosos, conhecidos como “romances para homens”², e publicando o resultado do jogo do bicho, garantiam o sucesso do impresso. Em 1899, ou seja, um ano depois do seu lançamento, ele anunciou uma tiragem de 15 mil exemplares. Em 1903, informou uma tiragem de 40 mil. Os números podiam ser somente publicidade, mas o sucesso do jornal era inegável³.

² “Romances para homens” é uma classificação referente à obras literárias repletas de temáticas eróticas e/ou obscenas que eram destinadas, como o nome diz, ao público masculino. Esse material fazia sucesso nas livrarias do Brasil do final do século XIX. Sobre o assunto, consultar os textos de Alessandra El Far (2004 e 2007) e Leonardo Mendes (2016 e 2017).

³ Para mais detalhes da história do *Rio Nu*, conferir o trabalhos de Cristiana Pereira (1997), Natália Peçanha (2013) e Johnatas Costa (2021)

Porém, esse sucesso incomodava. A sociedade brasileira era – e ainda é – conservadora. Logo, a trajetória do *Rio Nu* não passou ilesa de críticas e de tentativas de censura. As suas imagens e textos eróticos conquistaram muitas pessoas, enquanto incomodaram várias outras.

O *Rio Nu* versus Joaquim Ignácio Tosta

No dia 21 de março de 1910, O *Jornal do Commercio* publicou uma circular do então Diretor Geral dos Correios. O texto era explícito quanto à sua ordem:

recomendo-vos que, nos termos do regulamento atual, não faças distribuição nem expedição das correspondências que contenham desenhos ou publicações obscenas, notadamente os periódicos “Rio Nu” e “Sans Dessous”, publicados nesta capital e outros semelhantes impressos nos estados.

A circular encerrava alertando os funcionários do órgão público: “o não conhecimento desta ordem por parte de qualquer empregado dará lugar à pena de suspensão estatuída.” E por fim, a assinatura do diretor-geral: Joaquim Ignácio Tosta.

O documento perturbou a redação d’O *Rio Nu* e da revista mencionada na circular, a *Sans Dessous*, que foi lançada um ano antes do documento, em 1909. A partir daquele final de março, ambas estavam proibidas de circular pelo país.

Joaquim Ignácio Tosta não era um desconhecido na política brasileira. Nascido no dia 12/07/1856, no interior da Bahia, Tosta estudou na Faculdade de Direito do Recife e em seu quinto ano de curso tornou-se deputado provincial por Pernambuco. De 1882 a 1889, foi deputado provincial pela Bahia e aprovou inúmeros projetos referentes à agricultura. Com a Proclamação da República tornou-se deputado federal e foi um dos participantes da elaboração da Constituição de 1891. Em 1908, candidatou-se ao governo da Bahia pelo Partido Republicano, mas foi derrotado. Retornou ao Rio de Janeiro um ano depois, assumiu o cargo de diretor geral dos Correios, porém não durou muito tempo. Em 1911 foi nomeado delegado do Tesouro Brasileiro em Londres, posição que ocupou até morrer, em agosto de 1919. Ele foi casado com Maria Amélia Teixeira Tosta e teve dois filhos⁴.

A decisão de Tosta em proibir a circulação dos periódicos obscenos não foi algo isolado e nem partiu de um mero desejo particular. Internacionalmente, havia um forte movimento antipornográfico

⁴ ABREU, Alzira Alves de (coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora FGV, 2015. E-book. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TOSTA,%20In%C3%A1cio.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

acontecendo. Em maio de 1908, na cidade de Paris e sob a liderança do senador René Berenger, ocorreu o Congresso Internacional contra a Pornografia. O evento reuniu 50 associações francesas e 46 entidades civis antipornográficas de nove países (Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Dinamarca, Países Baixos, Hungria, Itália, Noruega e Suíça) com o objetivo discutir ações mais eficazes contra a imoralidade veiculada na imprensa.

Esse encontro resultou em uma Conferência Internacional, no ano de 1910, também na capital francesa. Junto aos países já integrantes, articularam-se a Áustria, Dinamarca, Espanha, México, Rússia, Suécia e Brasil, e foram discutidas legislações voltadas para o combate à pornografia a nível global. A preocupação do senador e de outras lideranças era de que a imoralidade havia ultrapassado os limites do tolerável e já representava um risco para várias nações. Nesse sentido, Berenger desejava que as decisões alcançadas no evento ecoassem internacionalmente. Ao mesmo tempo, ele tinha ciência de que nada aconteceria rapidamente. Na prática, as resoluções da Conferência só foram ganhando alguma importância a partir de 1923, anos depois da morte do senador.

A nível nacional, o Círculo Católico – uma agremiação de organizações católicas a qual Ignacio Tosta fazia parte – havia mandado uma representação para o presidente Nilo Peçanha em 1909 pedindo que o Executivo agisse contra a publicação e exibição de pornografia no país. Junto a isso, é preciso ressaltar que a resolução emitida pelo diretor-geral estava alinhada ao regimento interno dos Correios, o qual informava ser proibido a expedição ou distribuição de “artefatos, desenhos e publicações obscenas” e de “objetos com endereço ou dizeres injuriosos, ameaçadores ou indecentes”⁵. Ainda assim, esse alinhamento não evitou que boa parte da imprensa criticasse essa medida.

Dias depois da publicação da circular, *O Rio Nu* não poupou palavras para depreciar a ação de Tosta⁶. Os redatores questionavam as razões que levaram o diretor dos Correios a tomar aquela decisão naquele momento, tendo em vista que ele estava no cargo há um ano e o periódico já possuía doze anos de publicação ininterrupta, sem problemas com a polícia ou com o erário público. Para eles, a explicação estava na forte ligação de Tosta com o Círculo Católico. Com pensamento similar se posicionaram o *Correio da Manhã*⁷ e o *Gazeta de Notícias*⁸, que compararam o trabalho do diretor com a Inquisição e questionaram quais seriam as instruções básicas que iriam decidir qual material era ou não obsceno a ponto de destruí-lo ou impedir a sua distribuição.

⁵ DECRETO nº 2.230, 10 fev. 1896; art. 5º, § 5º e 6º. Conferir o decreto na íntegra em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2230-10-fevereiro-1896-518912-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁶ *O Rio Nu*, ed. 1221, 30/03/1910, p. 2

⁷ *Correio da Manhã*, ed. 3171, 23/03/1910, p. 1

⁸ *Gazeta de Notícias*, ed. 82, 23/03/1910, p. 1

Dúvidas à parte, estava claro para a “grande imprensa” que Ignácio Tosta tomou para si uma função que era da polícia.⁹ Nesta repartição, semanas depois da publicação da circular, o chefe, Leoni Ramos, assegurou o direito d’*O Rio Nu* em ser distribuído na Capital Federal¹⁰. Contudo, o problema não foi resolvido. A proibição de Tosta seguia valendo para o resto do Brasil¹¹.

Imagens de protesto e de humor

Diferente dos jornais da “grande imprensa”, *O Rio Nu* não ficou somente publicando textos sérios ou argumentando as razões pelas quais o diretor-geral decidiu emitir a circular. A postura do jornal também foi exercida pelo uso de imagens de protesto, textos satíricos e apelidos maldosos. Na edição de 30 de março de 1910, a primeira em que *O Rio Nu* trata da proibição, eles estampam em sua capa (figura 2) um Ignácio Tosta vestido de padre encontrando Suzana Castera, uma cafetina famosa no Rio de Janeiro do início do século XX.

Em uma tentativa de desmoralização da imagem do ex-deputado, a legenda ficcionaliza a ilustração: o “padre Ignácio” diz que veio da França para o Brasil porque aqui os padres podem comer, beber e fumar sem ter dinheiro. Suzana concorda e diz que, em seu espaço, muitos outros padres iam, aproveitavam, mas não pagavam nada.

Na capa da edição seguinte, uma moça foge de um padre que a chama para expurgar os seus pecados. No entanto, segundo ela, não valia a pena lhe dar ouvidos porque não caia no conto do vigário. Na contracapa da edição de 6 de abril de 1910 intitulada “A Voz do Sangue” (figura 3), o periódico diz que o diretor era, acima de tudo, um tolo, um homem que, deslumbrado por palavras bíblicas, seria capaz de fazer qualquer coisa: seja assinar uma circular censória, seja achar que é “irmão de sangue” de um cavalo.

As referências animais ao diretor-geral foram inúmeras. No número 1.234, edição de aniversário do *Rio Nu* (figura 4), o impresso é representado como uma bela mulher empunhando uma espada contra o Ignácio Tosta meio parvo e com os pés de um equino.

Na lógica dos redatores, o embate estava declarado e o periódico não mediria esforços para retornar a sua distribuição pelo país. Em vários momentos, o jornal debochou da insegurança que a circular de Tosta gerou na população.

⁹ *Gazeta de Notícias*, ed. 90, 31/03/1910, p. 2

¹⁰ *O Rio Nu*, ed. 1228, 23/04/1910, p. 2

¹¹ Para mais detalhes acerca da ação de Joaquim Ignácio Tosta, conferir Cristiana Pereira (1997), Érika Cardoso (2019) e Johnatas Costa (2021).



Figura 2:
Bello Encontro, 1910.
Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.

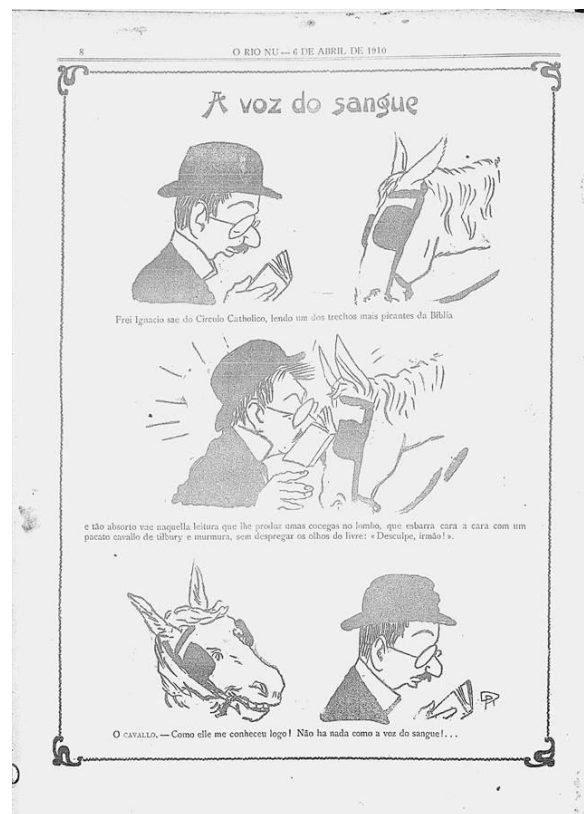


Figura 3:
Raul Pederneiras, A voz do sangue, 1910. Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.



Figura 4:
O 12º aniversário, 1910.
Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.

Na figura 5, dois homens leem *O Rio Nu* escondido e reclamam que a partir de então tinham de ler o periódico longe dos olhares das pessoas para não serem denunciados ao diretor-geral.

A capa do dia 16 de abril de 1910, é simbólica. Na imagem (figura 6), um padre e sua ajudante comemoram o dinheiro que receberam na caixa de esmolas porque assim eles poderão “gozar a [...] velhice descansados”.

Essa foi uma dentre várias ilustrações e histórias que *O Rio Nu* criou durante 1910 para criticar Ignácio Tosta em um assunto que lhe era muito caro: o seu catolicismo e a Igreja Católica em si. Nas páginas do impresso, Tosta era fanático, desvairado, burro e inapto à função que exercia. O primeiro artigo do *Rio Nu* que criticava a decisão do diretor iniciava-se chamando-o de “uma religiosa”¹² e não ficou só nisso. Na capa da edição 1223, uma bela mulher (provavelmente, uma prostituta) ao mostrar as “boas pernas” a um empresário é repreendida por ele. O homem alega que, por mais bonitas que elas fossem, a senhorita não deveria ter feito isso em público, pois era “admirador do diretor dos Correios” e tal ato provocava nele “arrepios de... pudicícia”¹³.

No fim, utilizando-se de um humor mais escrachado, os redatores e ilustradores não pouparam nada nem ninguém. Se estivesse ligado à esfera pública do diretor, *O Rio Nu* fazia piada. Vale dizer que muitas dessas ilustrações não tinham o nome dos artistas e que muitas delas eram retiradas de outras publicações. Além disso, destaco que, até hoje, minha pesquisa não encontrou nenhuma resposta do ex-deputado às imagens e às histórias criadas pelo bissemanário.

O caso na justiça

Em agosto de 1910, a “quebra de braço” foi favorável ao hebdomadário. A 1ª vara federal considerou que o jornal circulava dentro dos parâmetros do regulamento dos Correios, ou seja, era distribuído em embalagem, dobrado ou amarrado de modo a resguardar a correspondência, e, também, considerou a situação fiscal do periódico como muito boa.



Figura 5:
Leitores constantes, 1910. Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.

¹² *O Rio Nu*, ed. 1221, 30/03/1910, p. 2.

¹³ *O Rio Nu*, ed. 1223, 06/04/1910, p. 1.



Figura 6:
Venha a nós, 1910.
Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.



Figura 7:
Sete de Setembro, 1910.
Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.

Na edição do dia 7 setembro de 1910, *O Rio Nu* fez um paralelo com a independência brasileira e a sua própria independência. Na capa (figura 7), nota-se uma figura feminina, representando a justiça, acompanhada por outra figura feminina, simbolizando o periódico, expulsando uma figura diabólica que carrega uma placa (ou, talvez, uma pasta) com o inscrito “proibição tostal”.

Na contracapa dessa mesma edição (figura 8), uma das imagens mais emblemáticas sobre esse caso: um palhaço sorrindo, simbolizando *O Rio Nu*, lança orelhas de burro em uma figura diabólica ao passo que recebe de uma mão, à esquerda da imagem, a sentença do juízo federal. Nas orelhas de burro lê-se em letras garrafais: JESUITISMO, HIPOCRISIA E LEI (?) TOSTAL. A sua legenda é simples e imponente: “ou a tostura em postas ou a postura em tostas”. Isto é, ou Joaquim Ignacio dobra-se ao jornal, ou as consequências serão severas.

O leitor pode pensar – e não estaria errado se assim fizesse – que a circular dos Correios não gerou nenhuma mudança, mesmo que mínima, por parte de *O Rio Nu*. No entanto, um olhar mais atento percebe que nas semanas seguintes à publicação da circular, o jornal deixou de publicar nus e seminus femininos em suas capas. Talvez por medo de uma represália mais forte ou mera cautela. Contudo, não por muito tempo. A partir de julho de 1910, nota-se a volta de algumas mulheres seminuas nas capas e contracapas e, passada a vitória na justiça, eles comentaram o assunto.

Em outubro de 1910, o periódico, já circulando plenamente pelo país, voltou a ironizar toda a cruzada de Ignácio Tosta contra o impresso e o obsceno em geral. Na contracapa da edição 1.278 (figura 9), está a imagem intitulada “Perseguição ao Nu”. Nela, uma mulher com penteado bem ornamentado, revela por trás de um lenço o seu corpo, o qual, a princípio, não vemos qualquer detalhe dele, mas se nos aproximarmos perceberemos que ela está vestida.

O texto que legenda a imagem começa assim:

Sem medo, podem olhar
Os homens os mais pudicos
Sem receios de fanicos
Sem terem do que corar...

E encerra dizendo:

Eu sou capaz de fazer
Ainda assim, uma aposta
Que em maillot me vendo, o Tosta
Há de ainda se enrubescer...

Semanas depois da primeira vitória na justiça, o jornal voltou a publicar fotografias de mulheres nuas retiradas de manuais artísticos franceses – algo que fazia desde 1908. Na capa de 23 de novembro de 1910 (figura 10), a fotografia de uma mulher nua, de costas para o leitor, é publicada. Ela segura algumas flores na mão esquerda e arruma outras flores em seu cabelo com a mão direita.

A imagem foi retirada do manual artístico francês *La Vénus Moderne*¹⁴ e um soneto a acompanha. Diz o texto:

CONFISSÕES

Ao vê-la assim, tão tentadoramente
 Despida, expondo as formas divinais
 Do seu corpo ideal, a gente sente
 Uns desejos ferozes e brutais...

Eu, pelo menos, fervoroso crente,
 Adorador das venus ideais,
 Apesar de carola impenitente,
 Sinto no sangue sensações letais...

E como velho sou e emurhecido
 Tenho o... nariz, já frio e caído,
 Meus desejos num só desejo enfeixo:

Ficar ante a beleza inebriado
 E trôpego, tremendo, estonteado,
 Aos pés cair-lhe, mas... cair de queixo!



Figura 10:
La Vénus Moderne, Confissão..., 1910.
 Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional.

Para *O Rio Nu*, que parecia ter como máxima editorial a frase “perco o amigo, mas não perco a piada”, o autor desse texto só poderia ser um: Ignácio Posta.

¹⁴ Por meio das minhas pesquisas, posso afirmar que *O Rio Nu* reproduziu e readaptou inúmeras ilustrações e fotografias retiradas de publicações francesas, a exemplo do manual *La Venus Moderne*. Se até então, nas páginas do impresso, essas imagens serviam para a diversão e o prazer, em 1910 elas foram utilizadas especialmente para protestar contra a censura que sofriam.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora FGV, 2015. E-book. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TOSTA,%20In%C3%A1cio.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. **Código Penal de 1890**. Capítulo IV – Dos crimes contra a inviolabilidade dos segredos, art. 189-195. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 2.230**, de 10 de fevereiro de 1896. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2230-10-fevereiro-1896-518912-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CARDOSO, Erika Natasha. **“E como não ser pornográfico?”: usos, sentidos e diálogos transnacionais em torno da pornografia no Brasil (1880-1924)**. 2019. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

COSTA, Johnatas dos Santos. **Gênero alegre, pornografia e representações femininas: um estudo sobre o jornal O Rio Nu (1898-1916)**. Dissertação (Mestrado de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 285-312, jan./jun. 2007.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Notícias, 1875-1956. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Typ. de Emile Seignot-Plancher e Comp., 1827. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MENDES, Leonardo. O livro pornográfico na *Belle Époque*: a década de 1890 e a invenção da “leitura alegre”. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (Orgs.). **Belle Époque: crítica, arte e cultura**. Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2016, p. 305-321.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, nº 53, janeiro de 2017, p. 173-191.

O PAIZ. Rio de Janeiro: [s.n.], 1884-1934. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PEÇANHA, Natália Batista. **“Regras de civilidade”: tecendo a masculinidade do smart nas páginas d'O Rio Nu (1898-1916)**. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ORIO NU. Rio de Janeiro: [s.n.], 1898-1916. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>>. Acesso em: 20 ago. 2021.